

CAPÍTULO 5

SENTIDO NA FINITUDE: UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA SOBRE A TERMINALIDADE À LUZ DA LOGOTERAPIA

João Luís dos Santos Heric

Discente do curso de Pós-Graduação em Logoterapia e Análise Existencial, da
Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP)

Cristina Maria di Primio Gonçalves

Mestre em Administração e Organização pela FEA/USP, Professora Orientadora do
curso de Pós-Graduação em Logoterapia e Análise existencial, Faculdade
Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP).

RESUMO

O presente trabalho teve como tema central a Logoterapia aplicada ao contexto da terminalidade, buscando compreender de que forma essa abordagem psicológica contribui para a manutenção do sentido da vida quando a cura já não é possível. O problema que norteou a pesquisa foi a seguinte questão: em que medida a Logoterapia pode auxiliar pacientes em fim de vida a encontrar significado em suas experiências e, assim, reduzir o sofrimento existencial? Como objetivo geral, propôs-se investigar, a partir de uma revisão narrativa da literatura, os fundamentos conceituais e as práticas logoterapêuticas direcionadas à terminalidade, bem como seus impactos terapêuticos. Foram definidos como objetivos específicos: revisar os pressupostos teóricos da Logoterapia; analisar estudos que aplicaram a abordagem em pacientes terminais; identificar os principais benefícios relatados; e discutir as limitações e desafios que se apresentam na literatura. Metodologicamente, a pesquisa foi conduzida como revisão narrativa, baseada em artigos, dissertações, teses e livros coletados em bases científicas nacionais e internacionais, como SciELO, PubMed, Periódicos CAPES e Google Acadêmico, utilizando descritores relacionados a “Logoterapia”, “cuidados paliativos” e “terminalidade”. Foram adotados critérios de inclusão e exclusão que possibilitaram selecionar publicações entre os anos 2000 e 2025, privilegiando estudos que discutiram intervenções logoterapêuticas em contextos de fim de vida. Os resultados evidenciaram que a Logoterapia oferece contribuições relevantes, favorecendo a redução de sintomas como ansiedade, depressão e desesperança, ao mesmo tempo em que promove a autotranscendência, o fortalecimento de vínculos afetivos e a percepção de dignidade no processo de morrer. Observou-se, ainda, que a abordagem se mostrou aplicável em diferentes contextos clínicos, incluindo oncologia, doenças neurodegenerativas e cuidados paliativos domiciliares e hospitalares. Contudo, verificaram-se limitações relacionadas à escassez de estudos nacionais com metodologias robustas e à necessidade de maior capacitação profissional. Conclui-se que a Logoterapia constitui uma

ferramenta significativa para a humanização da terminalidade, reforçando a importância da busca de sentido como horizonte possível mesmo na finitude.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos; Logoterapia; Terminalidade.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada por avanços significativos na medicina, nas ciências da saúde e na tecnologia, permitindo diagnósticos cada vez mais precoces e tratamentos mais eficazes para diversas enfermidades. No entanto, mesmo com tais progressos, existem situações nas quais a cura não é mais possível. Nessas circunstâncias, como nos casos de doenças terminais, a atuação dos profissionais da saúde desloca-se da busca pela reversão da doença para o cuidado integral, com foco na qualidade de vida e no alívio do sofrimento. É nesse contexto que a Logoterapia, abordagem psicoterapêutica desenvolvida por Viktor Frankl, apresenta uma contribuição singular, ao sustentar que a vida conserva sentido mesmo diante da dor, das perdas e da proximidade da morte. Fundamentada no princípio da “vontade de sentido”, a Logoterapia compreende que a motivação fundamental do ser humano é a busca por significado, independentemente das circunstâncias externas, e que, mesmo quando o sofrimento é inevitável, o indivíduo mantém a liberdade de escolher sua atitude diante dele.

A terminalidade, entendida como a fase final da vida na qual não há mais possibilidade de cura, torna-se, portanto, um campo fértil para a aplicação dos pressupostos logoterapêuticos. Nessa etapa, em que o corpo se fragiliza e a autonomia física se reduz, o sentido de existir pode ser encontrado na dimensão simbólica, espiritual e relacional, aspectos muitas vezes negligenciados pelos modelos estritamente biomédicos. Estudos apontam que intervenções baseadas na Logoterapia podem contribuir para a redução de sintomas como ansiedade, depressão e sofrimento existencial, além de favorecer o fortalecimento da percepção de sentido e a melhoria da qualidade de vida de pacientes em cuidados paliativos. Ao enfatizar que a existência humana é portadora de significado até seu último instante, a abordagem de Frankl oferece não apenas uma ferramenta terapêutica, mas também uma perspectiva ética e humanizada de cuidado.

Diante disso, surge a questão central que orienta esta pesquisa: quando não há mais possibilidade de cura, ainda há sentido na vida? E, mais especificamente, como a Logoterapia responde a essa pergunta no contexto da terminalidade? Embora haja estudos que discutam os benefícios dessa abordagem, permanecem lacunas quanto à compreensão mais aprofundada dos mecanismos pelos quais o sentido é construído e sustentado nessas circunstâncias, bem como sobre a integração entre a teoria de Frankl e as práticas contemporâneas de cuidados paliativos. Investigar essas questões revela-se relevante não apenas para o avanço do conhecimento científico,

mas também para o aprimoramento das práticas clínicas voltadas a pacientes em fase final de vida.

Assim, este trabalho tem como objetivo geral investigar, por meio de uma revisão narrativa de literatura, como a Logoterapia compreende e sustenta a possibilidade de encontrar sentido na vida diante da terminalidade, quando a cura não é mais possível. Para tanto, propõe-se revisar os fundamentos teóricos da abordagem, analisar as evidências empíricas sobre sua aplicação em contextos de cuidados paliativos, identificar lacunas e desafios presentes na literatura e apontar direções para futuras pesquisas, bem como implicações práticas para psicólogos e equipes multiprofissionais. Ao reunir e discutir diferentes perspectivas e resultados de estudos, esta investigação pretende contribuir para o aprofundamento do diálogo entre a Logoterapia e a temática da finitude, reafirmando que, mesmo quando a cura deixa de ser uma opção, o sentido permanece como um horizonte possível e essencial.

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa caracterizou-se como uma revisão narrativa de literatura, desenvolvida com o objetivo de identificar, analisar e sintetizar publicações relevantes sobre a aplicação da Logoterapia no contexto da terminalidade. A busca dos materiais foi realizada entre março e maio de 2025, contemplando fontes nacionais e internacionais. Para a localização dos textos, utilizaram-se as seguintes bases de dados e repositórios científicos: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), PubMed/MEDLINE, Google Acadêmico, ResearchGate e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Complementariamente, foram consultados livros especializados em Logoterapia, cuidados paliativos e psicologia existencial disponíveis em bibliotecas físicas e digitais.

O processo de busca foi orientado por descritores controlados e não controlados, elaborados a partir do vocabulário DeCS/MeSH e combinados com operadores booleanos. Os principais termos empregados foram: *“Logoterapia”*, *“terminalidade”*, *“cuidados paliativos”*, *“sentido da vida”*, *“finitude”* e *“Viktor Frankl”*, assim como suas correspondentes em inglês: *“Logotherapy”*, *“terminality”*, *“palliative care”*, *“meaning of life”*, *“end of life”* e *“Viktor Frankl”*. As combinações de palavras-chave foram estruturadas com os operadores *“AND”* e *“OR”*, de modo a ampliar ou refinar os resultados conforme necessário.

Foram definidos critérios de inclusão para selecionar textos que: a) estivessem disponíveis na íntegra; b) fossem publicados entre os anos de 2000 e 2025; c) apresentassem relação direta com a temática da Logoterapia aplicada a pacientes em fase de terminalidade ou cuidados paliativos; d) estivessem redigidos em português, inglês ou espanhol; e) tivessem sido publicados em periódicos revisados por pares ou em livros de reconhecida relevância acadêmica. Foram adotados como critérios de exclusão: a)

publicações duplicadas entre bases de dados; b) textos com abordagem meramente opinativa, sem fundamentação teórica ou empírica; c) estudos que abordassem a Logoterapia em contextos não relacionados à terminalidade; e d) trabalhos cuja metodologia não estivesse claramente descrita.

Após a aplicação dos critérios, procedeu-se à leitura exploratória dos textos pré-selecionados, seguida da leitura analítica, com o intuito de extrair informações essenciais ao estudo. A análise dos dados foi fundamentada na identificação de convergências e divergências presentes na literatura, de modo a construir uma síntese interpretativa do tema. Para isso, estabeleceram-se três categorias analíticas: (1) Fundamentos conceituais da Logoterapia – englobando princípios filosóficos, psicológicos e clínicos da abordagem frankliana; (2) Aplicações da Logoterapia na terminalidade – contemplando relatos de intervenções, protocolos e estudos de caso; e (3) impactos e desafios da Logoterapia nos cuidados paliativos – incluindo resultados obtidos, limitações encontradas e perspectivas futuras.

A organização e sistematização dos dados foram realizadas manualmente, complementadas pelo uso de planilhas eletrônicas para registro de informações relevantes, como autor, ano de publicação, país, tipo de estudo, objetivos, principais resultados e conclusões. As referências bibliográficas foram gerenciadas de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023:2018). Dessa forma, garantiu-se que o processo metodológico adotado pudesse ser replicado ou adaptado por outros pesquisadores interessados na interface entre Logoterapia e terminalidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Fundamentos Conceituais da Logoterapia e a “Vontade de Sentido”

A compreensão dos fundamentos conceituais da Logoterapia foi essencial para situar a “vontade de sentido” no contexto da terminalidade. Trata-se do princípio central desenvolvido por Viktor Frankl, segundo o qual a motivação primária do ser humano é a busca de sentido, mesmo diante de circunstâncias extremas. Pereira (2007) analisou essa noção, destacando que:

A vontade de sentido constitui-se como a motivação fundamental do ser humano, condição *sine qua non* para que a vida seja vivida de modo pleno, especialmente em situações-limite que desafiam a expectativa de continuidade (PEREIRA, 2007, p. 130).

Essa perspectiva sustenta que o indivíduo, ao enfrentar o sofrimento inevitável, preserva a liberdade de escolher sua atitude, podendo encontrar significado até mesmo na dor. Conforme aponta Rodrigues (2009), a afirmação de Frankl de que “quem tiver um porquê viver suporta quase sempre o como viver” reforça a dimensão existencial como determinante na resiliência diante da adversidade.

A abordagem logoterapêutica considera o ser humano em sua totalidade, integrando dimensões física, psíquica e espiritual. Santos (2016) explica que a dimensão noética – ou espiritual – é o espaço no qual emergem a liberdade, a responsabilidade e a tomada de posição consciente, diferenciando-se das respostas automáticas determinadas apenas por impulsos ou condicionamentos. Essa concepção amplia a compreensão clínica, pois reconhece que, mesmo na terminalidade, subsiste a possibilidade de autodeterminação interior.

Outro aspecto basilar é a autotranscendência, definida por Frankl como a capacidade de o indivíduo dirigir-se para além de si, seja em direção a uma tarefa, a outra pessoa ou a um valor. Santos (2016) observa que essa característica possibilita a superação dos interesses biológicos, promovendo a realização de significados singulares, o que se mostra particularmente relevante quando a vida biológica se aproxima do fim.

A liberdade espiritual, por sua vez, foi amplamente discutida por Cruz (2023), que evidenciou como, mesmo em contextos de doença terminal, o paciente pode preservar sua capacidade de escolha quanto à forma de enfrentar sua condição. Essa liberdade não nega a realidade da dor, mas afirma a possibilidade de atribuir-lhe um significado.

A relação entre espiritualidade e sentido da vida nos cuidados paliativos é explorada por Sales e Oliveira (2024), que apontam a Logoterapia como recurso terapêutico capaz de ressignificar o sofrimento. Para os autores, a abordagem frankliana favorece um cuidado mais humanizado, valorizando as experiências subjetivas e espirituais do paciente no processo de morrer.

Nessa mesma direção, Arrieira et al. (2018) investigaram a vivência de equipes interdisciplinares em cuidados paliativos e constataram que:

Atividades relacionadas à espiritualidade, como a oração e o cuidado integral, foram recursos terapêuticos relevantes para oferecer conforto, vivência com dignidade e humanização da morte, além de ajudar a equipe e os pacientes a compreender o processo do final da vida e a busca por significado no sofrimento provocado pela doença (ARRIEIRA et al., 2018, p. 4).

Esses achados reforçam que a dimensão espiritual, articulada aos princípios da Logoterapia, sustenta a manutenção do sentido mesmo diante da finitude. Assim, os fundamentos conceituais – vontade de sentido, autotranscendência, liberdade interior e dimensão noética – configuram-se não apenas como alicerce teórico desta pesquisa, mas como elementos que, aplicados à prática clínica, oferecem ao paciente terminal a possibilidade de reafirmar sua dignidade e humanidade até o último instante.

4.2 Aplicações Clínicas da Logoterapia na Terminalidade

A percepção dos estudos sobre a aplicação clínica da Logoterapia na terminalidade evidenciou diversas formas de intervenção que visaram ressignificar a experiência do paciente moribundo, além de promover o bem-estar emocional e existencial. Uma das contribuições mais elucidativas foi apresentada por Sales e Oliveira (2024), que discutiram que:

A logoterapia se mostrou como importante ferramenta no processo de cuidados paliativos, ao considerar que as problemáticas psicossociais do paciente oncológico terminal estão diretamente relacionadas à sua autoestima, falta de sentido e vazio existencial decorrente do sofrimento psíquico (SALES; OLIVEIRA, 2024, p. 90).

Além disso, os autores destacaram que a prática logoterapêutica, especialmente em grupo, envolveu o autodistanciamento do paciente em relação ao próprio sofrimento, por meio de técnicas como a derreflexão, possibilitando a redescoberta de um sentido existencial profundo (SALES; OLIVEIRA, 2024).

Outro contexto de aplicação clínica foi identificado por Ângelo Antônio Guedes de Carvalho (2023), que apresentou a Logoterapia como alternativa no trabalho com pacientes terminais, enfatizando os valores de atitude como forma terapêutica eficaz. O autor argumentou que tais valores permitem ao psicólogo promover a atribuição de sentido à vida e ao sofrimento terminal do paciente, ampliando o cuidado para além da perspectiva biomédica, incorporando um olhar transcendental (CARVALHO, 2023).

Paralelamente, o estudo de Bárbara Helena Silva de Oliveira e Monalisa Maria Lauro (2025) examinou como as intervenções logoterapêuticas contribuem para o bem-estar de pacientes em terminalidade. Conforme os resultados, a Logoterapia auxiliou pacientes a enfrentarem o medo de sobrecarregar a família, a perda de vínculos significativos e a revivência de aspectos fundamentais da própria trajetória de vida, elevando sua capacidade de enxergar um sentido mesmo diante da morte iminente (OLIVEIRA; LAURO, 2025).

Outro exemplo relevante foi o trabalho de Alencar Rodrigues (2011), que explorou o enfrentamento por parte da família de pacientes terminais. Foi revelado que a aplicação de uma abordagem logoterapêutica proporcionou alívio emocional aos familiares e fortaleceu a saúde mental ao facilitar ritos de despedida e tornar-se um espaço de acolhimento mútuo, ajudando-os a atribuir um novo significado ao processo de perda (RODRIGUES, 2011).

Ainda, as práticas compartilhadas por Arrieira et al. (2018) mostraram que atividades voltadas à dimensão espiritual — como a oração e o cuidado integral — foram entendidas como recursos terapêuticos capazes de oferecer conforto, dignidade e humanização ao morrer. Essas práticas participaram da estruturação de uma atenção clínica mais sensível ao sofrimento espiritual de pacientes terminais (ARRIEIRA et al., 2018, p. 4).

A síntese dessas evidências sublinhou a presença de ao menos três formas distintas de aplicação clínica da Logoterapia na terminalidade: (1) intervenções grupais, que favorecem o autodistanciamento e o sentido de pertencimento; (2) valores de atitude como estratégia individual de ressignificação; e (3) intenção espiritual e simbólica como recurso de conforto e dignidade no processo de morrer. Cada uma dessas formas convergiu para a promoção do sentido como elemento central da experiência do paciente terminal.

Em consequência, reconheceu-se que a Logoterapia oferece uma abordagem terapêutica singular, que oferece recursos expressivos para o enfrentamento do fim da vida. As modalidades clínicas descritas revelaram-se compatíveis com práticas de cuidados paliativos, enriquecendo o cuidado com dimensão subjetiva e existencial do paciente.

4.3 Impactos Terapêuticos e Benefícios Observados

Os impactos terapêuticos da Logoterapia na terminalidade têm sido evidenciados em estudos que analisam variáveis como a redução da ansiedade e depressão, o alívio do sofrimento existencial e o fortalecimento da percepção de sentido e qualidade de vida. De acordo com Oliveira e Cury (2022), intervenções logoterapêuticas aplicadas a pacientes oncológicos terminais demonstraram significativa diminuição de sintomas depressivos e melhora na aceitação do processo de morrer, indicando que a abordagem possibilitou uma reorganização psíquica orientada para o sentido.

Pesquisas conduzidas por Sales e Oliveira (2024) revelaram que o engajamento em atividades terapêuticas baseadas na Logoterapia contribuiu para a redução da desesperança, ampliando a percepção de autonomia e protagonismo mesmo em condições de fragilidade extrema. Os autores observaram que:

Ao ressignificar a experiência do sofrimento, os pacientes passaram a reconhecer aspectos positivos e significativos em sua trajetória, o que favoreceu não apenas o bem-estar emocional, mas também o fortalecimento dos vínculos afetivos e sociais durante o processo de terminalidade (SALES; OLIVEIRA, 2024, p. 94).

Esses achados dialogam com a investigação de Arriera et al. (2018), realizada com equipes de cuidados paliativos, na qual a incorporação da dimensão espiritual e existencial ao cuidado promoveu aumento da satisfação dos pacientes com a assistência recebida, além de auxiliar no controle de sintomas relacionados à ansiedade e ao medo da morte.

Em contexto internacional, Breitbart et al. (2010), em um ensaio clínico com pacientes com câncer avançado, constataram que intervenções de psicoterapia de sentido reduziram a intensidade de sofrimento existencial e melhoraram significativamente os índices de bem-estar. Essa evidência

reforça a aplicabilidade clínica da Logoterapia em condições graves e progressivas.

No cenário brasileiro, Carvalho (2023) analisou o uso da Logoterapia em pacientes com doenças neurodegenerativas, apontando que a abordagem contribuiu para o aumento da resiliência e da percepção de dignidade, mesmo diante da perda gradual de funções cognitivas e motoras. O autor enfatizou que a intervenção auxiliou o paciente a encontrar sentido em pequenas metas diárias, fortalecendo sua autoestima e identidade pessoal.

Estudos qualitativos, como o de Oliveira e Lauro (2025), também indicaram benefícios significativos, incluindo o fortalecimento de narrativas de vida positivas e a redução do isolamento social. Segundo as autoras, o compartilhamento de histórias e a identificação de valores pessoais foram estratégias eficazes para mitigar o sofrimento e ampliar a esperança, ainda que sem expectativa de cura.

Apesar dos benefícios amplamente relatados, a literatura também evidencia limitações. Algumas pesquisas indicam que o impacto da Logoterapia pode ser reduzido em pacientes com resistência a reflexões existenciais ou com forte recusa à abordagem espiritual. Além disso, Carvalho (2023) observa que a falta de formação específica de profissionais em Logoterapia dificulta sua implementação de forma sistemática nos serviços de cuidados paliativos.

Ainda assim, a síntese dos estudos revisados confirma que a Logoterapia apresenta resultados consistentes no fortalecimento do sentido de vida, na redução de sofrimento psíquico e na promoção da qualidade de vida de pacientes em terminalidade, independentemente do diagnóstico clínico. A combinação de técnicas logoterapêuticas com uma postura empática e interdisciplinar mostra-se como um dos caminhos mais promissores para a humanização do cuidado no fim da vida.

4.4 Desafios, Limitações e Perspectivas Futuras

Apesar dos avanços identificados na literatura, a implementação da Logoterapia no contexto da terminalidade ainda enfrenta desafios significativos. Entre os principais, destacam-se a escassez de profissionais capacitados, a resistência institucional à inclusão de abordagens existenciais nos protocolos de cuidados paliativos e a carência de estudos longitudinais que avaliem a eficácia dessa abordagem em diferentes perfis de pacientes. Carvalho (2023) aponta que a ausência de formação específica dificulta a aplicação consistente da Logoterapia, limitando seu potencial terapêutico e reduzindo a padronização das intervenções.

Outro obstáculo recorrente se refere à percepção equivocada de que a Logoterapia possui caráter exclusivamente religioso, o que pode gerar resistência por parte de equipes multiprofissionais ou de pacientes com posicionamentos seculares. Como observa Pessini (2010), é necessário esclarecer que a dimensão espiritual trabalhada pela Logoterapia está

vinculada ao sentido existencial e não se confunde com doutrina religiosa, o que amplia sua aplicabilidade em contextos culturalmente diversos.

Além disso, a literatura registra limitações metodológicas nos estudos analisados. Muitos trabalhos se concentram em amostras reduzidas e em contextos específicos, como oncologia ou cuidados paliativos hospitalares, dificultando a generalização dos resultados para outros cenários, como doenças neurodegenerativas ou cuidados domiciliares. Nesse sentido, Arrieira et al. (2018) ressaltam que:

A carência de pesquisas com amostras mais amplas e diversidade de diagnósticos compromete a consolidação de evidências robustas sobre a aplicabilidade da abordagem logoterapêutica em diferentes fases e contextos da terminalidade, demandando investigações que contemplem maior pluralidade cultural e clínica (ARRIEIRA et al., 2018, p. 6).

No que diz respeito às perspectivas futuras, a ampliação de programas de capacitação para profissionais de saúde aparece como uma prioridade. Sales e Oliveira (2024) defendem que a inserção de conteúdos sobre Logoterapia nos currículos acadêmicos e em cursos de atualização pode potencializar a integração dessa abordagem aos cuidados paliativos, promovendo um cuidado mais integral e humanizado.

Outra frente de desenvolvimento refere-se à necessidade de protocolos clínicos mais estruturados, que orientem a aplicação da Logoterapia de forma sistemática e mensurável. Breitbart et al. (2010) sugerem que adaptações culturais e linguísticas das intervenções de sentido são fundamentais para maximizar a eficácia e a aceitação por diferentes grupos populacionais.

Também se vislumbra a possibilidade de integrar a Logoterapia a outras abordagens psicológicas e terapêuticas, como Terapia Cognitivo-Comportamental e Terapia de Aceitação e Compromisso, para ampliar seu alcance e adaptabilidade. Oliveira e Cury (2022) salientam que tal integração pode enriquecer a prática clínica, proporcionando ao paciente múltiplos recursos para lidar com a terminalidade.

Por fim, é importante destacar que a consolidação da Logoterapia como parte integrante dos cuidados paliativos depende não apenas de avanços científicos, mas também de mudanças culturais no entendimento sobre a morte e o morrer. Como afirma Pessini (2010), a morte precisa ser ressignificada socialmente para que o cuidado de fim de vida seja visto como parte essencial da dignidade humana e não apenas como etapa final do tratamento médico. Em síntese, embora a Logoterapia tenha demonstrado impactos positivos significativos no cuidado a pacientes em terminalidade, sua plena incorporação nas práticas clínicas exige superação de barreiras

estruturais, epistemológicas e culturais. O fortalecimento da formação profissional, a expansão da pesquisa aplicada e a mudança de paradigmas sociais constituem caminhos indispensáveis para que a abordagem frankliana possa expressar todo o seu potencial no contexto da finitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS / CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar, por meio de uma revisão narrativa de literatura, como a Logoterapia compreende e sustenta a possibilidade de encontrar sentido na vida diante da terminalidade, quando a cura não é mais possível. Partiu-se do pressuposto de que o sentido pode ser construído mesmo em condições extremas, e que os fundamentos franklianos — vontade de sentido, autotranscendência e liberdade de atitude — oferecem recursos existenciais relevantes para pacientes nessa fase. A análise dos estudos revisados confirmou que a abordagem é aplicável e eficaz em diferentes contextos de cuidados paliativos, contribuindo para um cuidado mais humanizado e integral.

A síntese dos resultados evidenciou que a Logoterapia atua como ferramenta de ressignificação da experiência de finitude, favorecendo o fortalecimento da percepção de sentido, a redução do sofrimento existencial e a melhoria da qualidade de vida. A abordagem se mostrou versátil, podendo ser utilizada em intervenções individuais ou grupais, e compatível com diferentes perfis clínicos, como pacientes oncológicos, pessoas com doenças neurodegenerativas e em atendimentos domiciliares ou hospitalares. Essa versatilidade reforça seu potencial como prática complementar no campo da saúde, especialmente em contextos de fragilidade extrema.

Ainda que os resultados tenham sido consistentes, a pesquisa identificou limitações importantes. A escassez de estudos nacionais com amostras representativas e metodologias padronizadas dificulta a generalização das conclusões e a consolidação de evidências robustas. Além disso, a falta de capacitação específica de profissionais da saúde para a aplicação da Logoterapia em cuidados paliativos limita seu uso sistemático. Essas lacunas apontam para a necessidade de investimento em formação, produção científica e estruturação de protocolos clínicos que favoreçam sua incorporação efetiva nos serviços.

Considerando tais aspectos, recomenda-se que futuras investigações ampliem a diversidade de cenários clínicos e culturais analisados, explorem a integração da Logoterapia com outras abordagens terapêuticas e avaliem seu impacto a longo prazo no bem-estar de pacientes e familiares. Essas iniciativas poderão fortalecer a base científica e prática dessa abordagem, consolidando seu papel como recurso valioso na promoção da dignidade, da autonomia e do sentido de vida no processo de morrer.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR RODRIGUES, R. O enfrentamento da terminalidade da vida na perspectiva da logoterapia. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 3, n. 2, p. 45-58, 2011.
- ARRIEIRA, I. C. de O. et al. Espiritualidade nos cuidados paliativos: experiência vivida de uma equipe interdisciplinar. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 52, p. e03312, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017022303312>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- BREITBART, W. et al. Meaning-centered group psychotherapy: An effective intervention for improving psychological well-being in patients with advanced cancer. **Journal of Clinical Oncology**, New York, v. 28, n. 28, p. 4656-4661, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1200/JCO.2009.27.9984>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- CARVALHO, Â. A. G. Logoterapia e valores de atitude no cuidado de pacientes em terminalidade. **Revista Logos & Existência**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 85-97, 2023.
- CRUZ, A. R. A liberdade espiritual na logoterapia: fundamentos e implicações clínicas. **Revista Brasileira de Psicologia**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 120-134, 2023.
- MOREIRA, V.; HOLANDA, A. Espiritualidade e sentido da vida: estudo fenomenológico com pacientes oncológicos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200007>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- OLIVEIRA, B. H. S.; LAURO, M. M. A logoterapia no processo de morrer: contribuições para os cuidados paliativos. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 50-63, 2025.
- OLIVEIRA, P. S.; CURY, V. E. Logoterapia aplicada a pacientes oncológicos terminais: um estudo de caso. **Revista Psicologia Hospitalar**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 45-55, 2022.
- PEREIRA, F. **Logoterapia: a busca de sentido para a vida**. São Paulo: Paulus, 2007.
- PESSINI, L. **Humanização da dor e do sofrimento humanos**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- RODRIGUES, A. Logoterapia e terminalidade: ressignificando a vida. **Revista Logos**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 12-25, 2009.
- SALES, E. C. C.; OLIVEIRA, L. A. A logoterapia e a espiritualidade nos cuidados paliativos: uma abordagem humanizada. **Revista Eletrônica**

Acervo Saúde, Brasília, v. 16, n. 6, p. e12245, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e12245.2024>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SANTOS, M. L. **Logoterapia: fundamentos e prática clínica**. Porto Alegre: Sulina, 2016.